

35912
A76 (3)

**Este é um
programa só
de rádio.
Ligue-se**

**três por
quatro**

P. Alegre, OUT/76 — ANO 5 Nº 3 — Cr\$ 2,00



FM: UM SOM MELHOR COM MENOR ALCANCE

Frequência Modulada, ou simplesmente FM, é considerada atualmente o melhor sistema de radiodifusão. A transmissão em FM é feita em faixas de ondas mais elevadas que as comuns e, com isso, é menos suscetível a interferências e ruídos, podendo oferecer um som de alta fidelidade, tornando-se altamente qualificada para a reprodução musical.

Contudo, o alcance de suas ondas é menor (praticamente restrito às áreas urbanas) que o das estações de ondas médias e curtas por exemplo, e exige receptores e antenas especiais para sua captação. Um rádio comum para AM (Amplitude Modulada, ou seja, os rádios de ondas médias e curtas) não serve para FM, que funciona em frequências muito altas — de 88 a 108 Megahertz.

O sistema de transmissões em FM tecnicamente não é nenhuma novidade. Só nos Estados Unidos existem hoje aproximadamente 35 milhões de receptores com faixa de FM. Segundo as estatísticas este número deverá dobrar dentro dos próximos anos, pois aumenta dia a dia o número de estações de FM entrando em funcionamento. Atualmente, existem já mais de 2 mil estações operando nesta modalidade, o que representa 30% das estações existentes naquele país.

No Rio Grande do Sul, até alguns anos atrás, existiam 13 canais de FM em operação. Além destes havia cinco em Santa Catarina, 11 no Paraná, 43 em São Paulo, nove na Guanabara, três no Rio de Janeiro, 13 em Minas Gerais, um no Distrito Federal, três na Bahia e uma no Amazonas. Mas estas emissoras, em sua maioria, operavam pelo sistema FM especificamente para transportar ou «ligar», sem fio, o som dos seus estúdios até os transmissores, eliminando as antigas linhas diretas ou cabos telefônicos. Assim, a mesma programação irradiada em AM era ouvida em FM e vice-versa, não existindo audições em FM exclusivamente dirigidas para o público.

AS ALTERAÇÕES DO DENTEL

Recentemente, o Dentel (Departamento Nacional de Telecomunicações), modificou os dispositivos que regulamentavam o uso do sistema FM de radiodifusão. Através das novas normas, concedeu frequências diferentes para que as emissoras enviassem o som do estúdio aos transmissores (quase sempre bastante separados topograficamente), e as faixas de FM ficaram liberadas para emissões destinadas ao público.

Atualmente, existem apenas seis emissoras de rádio no Rio Grande do Sul funcionando pelo novo plano de Frequência Modulada baixado pelo Dentel: Rádio Gaúcha-Zero Hora, ZYH-247, na frequência de 94.1 MHz; Rádio Clube Metrópole, ZYU-52, em 88.5 de frequência; Rádio Cultura de Gravataí, ZIH-284, em 90.1 MHz; Rádio Itaipó, ZYH-85, em 97.7 MHz; Rádio Emissoras do Nordeste, da cidade de Caxias do Sul, ZYH-85, em 97.7 MHz e a Sociedade Emissora Minuano, ZYU-29, da cidade de Rio Grande, na frequência de 99.39 MHz. É objetivo do Dentel dar concessão, até o fim deste ano, a mais cinco emissoras para transmitirem com o sistema de FM no estado.

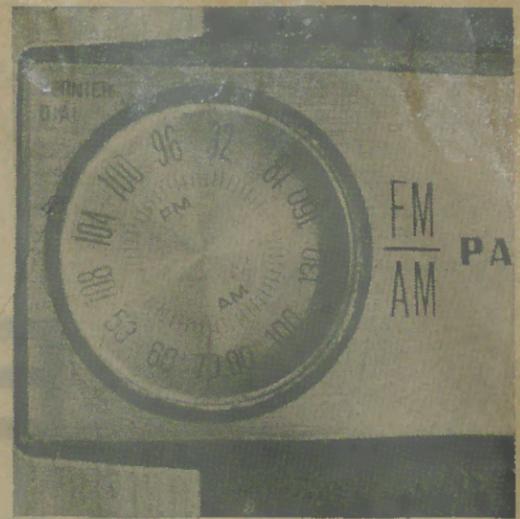
Algumas emissoras, certamente, como a Rádio Difusora, ainda mantêm programação simultânea tanto para AM como para FM. A modificação para o novo sistema já foi concedida. Mas a mudança é demorada porque obriga à aquisição e instalação de equipamento especializado. Outras vezes a própria escolha dos terrenos para localização dos novos transmissores também oferece problemas, uma vez que a propagação das ondas de Frequência Modulada exige que as antenas sejam montadas em lugares altos e desobstruídos.

EXPANSÃO E ACEITAÇÃO

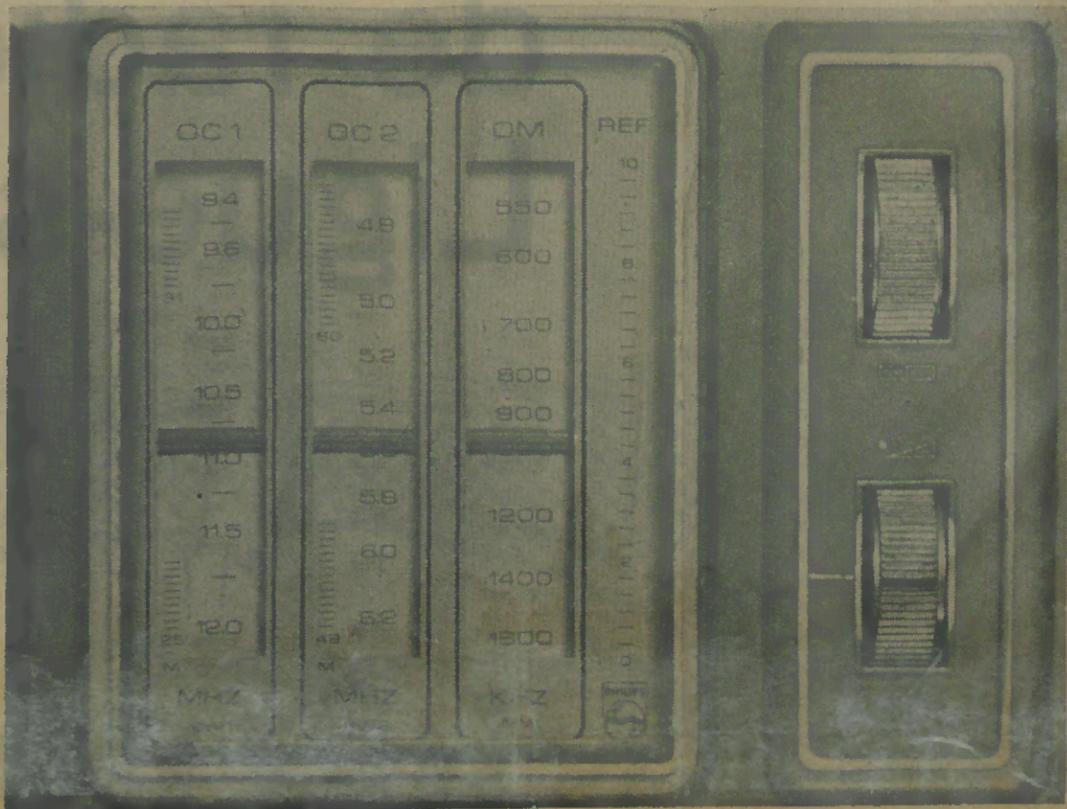
A expansão e a aceitação das emissoras de FM é crescente, superando as expectativas governamentais e empresariais. A audiência destas estações se dá junto às classes mais elevadas e pode ser explicada tanto pelo tipo de programação oferecida, como pelo custo da maioria dos aparelhos receptores. As Rádios de Frequência Modulada tem se caracte-

rizado por apresentarem pouca propaganda. Por enquanto o anúncio em FM é caro, mas com o passar do tempo, quando o sistema estiver mais difundido, é bem possível que o volume de publicidade seja maior.

As emissoras em FM apresentam músicas clássicas ou semi-clássicas ao longo de sua programação, e também música suave, sintonizada em restaurantes, hotéis, escritórios e casas comerciais — na filosofia de alcançar o ouvinte tanto no seu lazer, compras como no trabalho. Já a Rádio Gaúcha foge um pouco a este tipo de programação, pois procura atingir públicos variados. Apresenta desde a música erudita até a música pop. Segundo pesquisas recentes do IPOBE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) das emissoras da capital, a Rádio Gaúcha é que tem os maiores índices de audiência.



Radinhos portáteis com AM e FM já estão se tornando comuns



LAZER E INFORMAÇÃO, A ROTINA DO NOSSO RÁDIO

Numa análise do mercado radiofônico brasileiro, constata-se que as programações das emissoras são basicamente idênticas, porque foram estruturadas sobre dois elementos que se tornaram essenciais na atual sociedade: lazer e informação.

Do desdobramento destas necessidades surgiram os programas musicais, noticiosos, esportivos e de variedade, explorados em maior ou menor grau pelas emissoras e diferenciados apenas pelo nível de produtores e apresentadores.

A Rádio Continental, por exemplo, apresenta 24 horas seguidas de programação, voltada ao público jovem, atendendo a interesses de estudantes universitários. A programação é composta por 50% de música nacional e 50% de música estrangeira. Sua parte informativa não tem interesse de furo jornalístico, e sua linha noticiosa é transmitida dentro de uma linguagem mais descontraída, ao gosto dos jovens. Há um informativo de três minutos que vai ao ar de hora em hora e o Mala Direta, programa elaborado com detalhes sobre arte, com entrevistas ao vivo e transmitido cinco vezes ao dia.

PAMPA

Apresenta um gênero de programação semelhante à Continental, também operando 24 horas por dia. O programa Catedráticos do Cinema, vai para o ar de hora em hora, com dicas sobre filmes; Pampa Arquivo mostra música que foram sucesso nas paradas; e Flash Gordon Esbrógllo, é uma resposta da Pampa para a programação de música jovem na Continental, de 17h às 18h, diariamente.

DIFUSORA

Opera das 5h à 1h da manhã e tem programação destinada ao público da classe média inferior, com informação, serviço público e programa de variedades. Jornal da Manhã; Opinião Pública são alguns de seus programas da linha de noticiosos e debates. O forte da Rádio é música, desde a pop até a sertaneja, por isso existe um programa à tarde — para a faixa jovem — e à noite, com duplas caipiras.

GUAIBA

Seu horário é das 5h às 2h da madrugada, trabalhando em ondas médias e curtas, estas últimas nas faixas de 49 e 25 metros. Todas as ondas transmitem a mesma programação. A Guaiaba se destina, principalmente ao público A e B e sua característica principal é a ausência de jingles, o que dá um ar de sobriedade à emissora. A linha de noticiários é seu forte, com programas de hora em hora, elaborados por seu Departamento de rádio-jornalismo. O esporte tem dois programas diários — 12h35min e 20h40min — além das transmissões de partidas.

FARROUPILHA

Funciona das 5h à 1h da madrugada, com uma programação variada, para atingir uma faixa de público mais amplo. Até as 8h da manhã, a programação é mais tradicionalista e logo entra uma faixa bem popular com solicitações musicais dos ouvintes. Seu departamento de rádio-jornalismo tem noticiários de hora em hora.

CAIÇARA

Não sai do ar, é dirigida aos públicos de classe média e baixa, com músicas populares de sucesso. Das 6h às 6h30min, existe um informativo sobre a Grande Porto Alegre, e a cada quarto de hora, vai ao ar um noticiário de dois minutos.

GACCHA

É outra emissora que trabalha 24 horas, sem interrupção. Apresenta reportagens, muito noticiário e programação de variedades na base da solicitação do ouvinte. No esporte também existe muito interesse — sua luta é com a Guaiaba — e durante a madrugada, disputa audiência com outras emissoras da faixa popular. A Rádio Porto Alegre é destinada ao público jovem e, em matéria de noticiários, reproduz os da própria Gaúcha. Assim como a Metrópole, do mesmo grupo empresarial, que se dedica somente à música regionalista.

três por quatro

Órgão dos alunos do curso de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, rua Jacinto Gomes 540, 3º andar — Porto Alegre — RS — Brasil.

Trabalharam nesta edição: Beatriz Michelto da Rosa, Maria Isabel Quintana, Paulo Burd, Monica Schmidt, Agnese Schifino, Amauri Mello, Flávio Porcello, Wallace Lehneman, Bernadete Duarte, Christina Brentano, Cleusa Marques da Silva, Dante Efrom, Elaine Lerner, Lilliam Dreyer, Mara Sandra Bernardes, Marcela de Baumont, Marco Antônio Schuster, Maria Inês Duarte, Fernando Goulart, Otilia Goulart, Renilda de Castro, Sérgio Lotufo, Silvia Costa, Higino Barros, Jane Gershenson, Antônio Brito, Cynthia Peter da Silva e Roberto Alves d'Azevedo.

Arte: Francisco Juska

Responsabilidade editorial: departamento de Comunicação da UFRGS.

Impresso nas oficinas da Gráfica da U. F. R. G. S., rua Jacinto Gomes 540, Porto Alegre — RS — Brasil.



Além do salário baixo, há ameaça de desemprego

Os 320 empresários de rádio do Rio Grande do Sul reunidos durante três dias, no final de março passado, em Gramado, no «Encontro da Radiodifusão do Sul» aprovaram uma proposição autorizando a ABERT (Associação Brasileira de Rádio e Televisão) a «estabelecer entendimentos com autoridades federais para que seja dispensada da obrigação de utilizar jornalistas profissionais em postos de rádio-jornalismo, como a lei exige, nas emissoras localizadas em cidades com menos de 100 mil habitantes, ou que tenham potência inferior a 10 quilowatts». Além disso, decidiram pedir que «a emissora seja dispensada do provimento de cargos em seus departamentos de rádio-jornalismo por profissionais legalmente habilitados, quando em sua área não houver formação por escola de jornalismo em comunicação».

O presidente da AGERT (Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão), Antonio Abelin, afirma que «alguém fez a sugestão, não lembro exatamente quem foi». Mas no final do Encontro a proposição foi incluída nos 28 itens aprovados e que constam na conclusão a ser entregue ao Ministério das Comunicações.

ABSURDO

Se essa proposição for aprovada, muita coisa deverá se alterar com referência à «regulamentação da profissão de jornalista». Os salários serão ainda mais baixos, e os diplomas servirão somente para decorar paredes ou continuar esquecidos no fundo de uma gaveta. A proposição consegue ser ainda mais absurda se comparada com os dados fornecidos pelo Dentel (Departamento Nacional

de Telecomunicações) e pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística):

— No Estado existem 132 emissoras de rádio e dessas, apenas cinco têm potência superior a 10 quilowatts. Com a proposição da AGERT 127 rádios poderiam ficar sem jornalistas no departamento de notícias.

— Das 232 cidades gaúchas somente seis têm mais de 100 mil habitantes, e, conseqüentemente, 226 não precisariam ter jornalistas.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, ainda no mês de abril, enviou ofício aos Ministérios das Comunicações e do Trabalho, manifestando «a estranheza da entidade» diante da proposição. O documento chegou antes das conclusões do Encontro de Gramado e ainda não foi dada a palavra oficial dos ministros sobre o assunto. Mesmo assim, o XIV Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em junho, em Curitiba, enviou nova moção ao Ministro das Comunicações Euclides Quant de Oliveira.

INCOMPETENCIA

Se as autoridades aprovarem a proposição dos empresários e o jornalista passar a ser considerado «supérfluo e desnecessário», isso só agravará o já escasso mercado de trabalho, e como conseqüência os salários ficarão mais baixos. Para o presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, João Borges de Souza, os baixos salários dos jornalistas que trabalham em rádio é um problema «crítico», que só será resolvido, ao menos em parte, com a aprovação do mínimo salarial que está sendo pedido:

— O piso salarial será válido para todo o profissional de qualquer veículo de comunicação. Estamos pedindo cinco salários mínimos para o estagiário, e seis para o profissional registrado — disse João Souza.

O problema dos salários baixos nas rádios, existe porque quase não há rivalidade entre as emissoras, pois cada uma tem seu público definido. Além disso, há muita improvisação e incompetência nas rádios e o jornalismo é muito pobre, com raras exceções. Somente no esporte é que existe uma grande especialização com profissionais competentes e salários altos. Mas estes podem ser considerados como uma elite dentro de nosso rádio.

IMPROVISACAO

Agora, devagar, o jornalismo nas emissoras de rádio está voltando através das equipes volantes, que na maioria dos casos serviam apenas para os programas do tipo: «qual a música que a senhora deseja ouvir? A quem oferece? Ao seu marido? Muito bem». E como a música já havia sido previamente combinada, bastava o operador colocá-la no ar. Como prova da reformulação do rádio-jornalismo, a rádio Guaíba contratou dois dos profissionais mais bem pagos da Gaúcha, figuras importantes dentro do esquema de ótimo jornalismo que a Gaúcha está fazendo nos intervalos entre um colunista e outro, que geralmente não são jornalistas.

FISCALIZACAO

Um dos mais graves problemas das empresas jornalísticas sempre

foi a falta de cumprimento da legislação que se refere aos profissionais jornalistas, e as rádios não poderiam agir de maneira diferente. A fiscalização do exercício profissional cabe ao Ministério do Trabalho, através da Delegacia Regional do Trabalho, e a fiscalização técnica das transmissões é feita pelo Ministério das Comunicações.

As multas do Ministério do Trabalho são pequenas e segundo João Souza, «não assustam as empresas, nem fazem com que cumpram a legislação, porque é mais fácil e mais barato pagar a multa, geralmente de poucos salários mínimos».

— Mas no caso de irregularidades no cumprimento do Código de Comunicações, o Dentel tem as seguintes opções: advertir, suspender a rádio por 24 horas, por 30 dias ou finalmente cassar a concessão da emissora. Isso quer dizer que raramente acontece alguma irregularidade quanto ao Código de Comunicações.

Mesmo sendo uma medida paliativa, João Souza afirma que o Sindicato recebeu muito bem a posição adotada pelo Ministro das Comunicações a «recomendar ao Dentel que na fiscalização do cumprimento do Código de Comunicações, os fiscais verifiquem o cumprimento do decreto 973 (que regulamenta a profissão) e, se constatada qualquer irregularidade, façam uma comunicação ao Ministério do Trabalho». Quanto aos salários baixos nada poderá ser feito, antes da decretação do piso salarial que pode ser fixado daqui a poucos meses ou mesmo alguns anos.

QUEM LEMBRA DESSE

O que se faz atualmente, Cândido já fazia no passado

Para a nova geração do jornalismo gaúcho, Cândido Norberto atingiu o estágio de «medalhão», com bons salários, certa independência no trabalho que executa e credibilidade junto ao público, embora o termo possua também uma conotação pejorativa, indicando certa acomodação na carreira profissional, além de um isolamento da realidade diária.

Cândido Norberto dá impressão de assumir o bom salário, a liberdade de ação e outras regalias de sua posição, que deve receber na empresa onde trabalha, (uma coluna no Jornal Zero Hora e um programa diário na Rádio Gaúcha) como todo medalhão que se preza. Mas a identificação vai até aí. Porque é raro encontrar uma pessoa com tanta vivência em rádio — começou no meio radiofônico em 1943 — discutir o assunto com tanta veemência e interesse.

Cândido Norberto não se interessa muito por falar no rádio gaúcho do passado. Os aspectos folclóricos, os tempos heróicos e outros aspectos, que fazem parte da mistificação do rádio, recorda com dapidez. Sua preocupação é com o rádio de agora:

— É lógico que existe uma dife-

rença entre o rádio que gostaria de fazer e do que faço, como integrante de uma empresa. Existe uma parte utópica e outra real na minha carreira. Consegui me impor numa época em que as condições eram outras, mas ainda estou trabalhando com a mesma disposição do passado. Vejo o rádio agora muito beneficiado, com muita tecnologia ajudando-o. Mas tenho consciência também de que o que se faz atualmente, já era feito no passado, só que em outras condições.

A televisão acabou com o rádio. Essa é uma das afirmações que existe para explicar a queda do prestígio do rádio entre a população brasileira, principalmente nas zonas urbanas. Cândido Norberto concorda com isso, mas ressalta outros fatores:

— O rádio não pode mostrar a imagem da televisão, mas pode criar sua própria imagem. Uma narração qualquer é capaz de despertar o que o homem tem de mais poderoso: sua imaginação. E o rádio tem uma mobilidade que a televisão não tem. O rádio nos acompanha em todos os momentos: a gente trabalha, come, ama, estuda, dorme, faz qualquer

coisa ouvindo rádio. O transmissor, principalmente, contribuiu muito para essa situação. Com a televisão isso não é possível. Ela exige uma imobilidade, uma fixação na tela. Com o rádio você pode fazer qualquer movimento, que a mensagem dele o acompanha.

Mas Cândido também critica:

— Em geral, as rádios do sul se nivelam por baixo. Todas possuem programação musical e ficam só nisso. No máximo atigem, o triângulo música, esporte, notícias. A fórmula é eficiente, é certo. Mas não se esgota aí. Por exemplo. Um musical digitado. Porque ninguém faz isso? Com um texto sério, de pesquisa... a única coisa necessária é uma certa organização.

Existe alguma fórmula de melhorar o rádio gaúcho?

— Não é questão só de melhorar. É ampliar suas possibilidades. Acho que falta ao rádio daqui redatores. Há um desprezo pela figura do redator. Mas ele é fundamental em toda a programação radiofônica. Não só noticiosa. O rádio daqui precisa de mais redatores. Com isso, acho que iria ganhar muito.

Os velhos tempos heróicos de Paulo Ricardo

«Normalmente o artista é vaidoso e gosta de imortalizar sua época. Eu particularmente não gosto de hora da saudade». Assim Paulo Ricardo, o galã de voz delicada que tocava o coração das ouvintes em novelas de horário nobre, passando pelos períodos mais ativos da Gaúcha e Farrroupilha, se refere à sua participação relevante no rádio gaúcho. Mesmo assim diz que estreou em rádio quanto tinha entre 15 e 16 anos, vendo neste trabalho a oportunidade que lhe permitiria concluir seus estudos. «Era mais uma ponte, uma vitrine, pois meu intuito era estudar e dedicar-me à publicidade».

Embora se tornasse conhecido do público como rádio-ator, exercia ainda as funções de assistente de direção e diretor de elenco. Era porém, o galã que nos cotadíssimos programas de auditório tinha suas roupas rasgadas e precisava fugir da perseguição das fãs. Isso fazia com que muitos sonhassem com as «glórias da fama» (mas Ricardo se sentia diferente. Encarava tudo com um sentido muito profissional e lembra o quanto eram criticadas as radio-nove-

las, esquecidas pelos jornais e constantemente consideradas como de pouco fundo cultural. «E hoje a telenovela é feita no mesmo estilo. Inclusive escritores consagrados como Dias Gomes e Janete Clair escreviam para rádio e o que atualmente fazem é, muitas vezes, uma adaptação dos textos que já passaram pelo rádio. Mas a tevê passou a ser encarada como algo mais sério, as telenovelas são melhor analisadas e têm seu devido destaque».

Outro grande contraste: foi-se a época em que se trabalhava com um cuidado artesanal. «Haviam os ensaios, uma intensa preocupação pois tudo ia direto para o ar. Diferente de hoje, quando uma grande empresa como a Globo chega a gravar um programa com um mês de antecedência».

Ricardo considera o esquema atual das rádios muito fraco, com muitas improvisações. Mas acha que isso tende a acabar com o surgimento das FM, que passando a ter só músicas, não permitirá mais que as AM dediquem tempo tão extenso à

programação musical. Por isso acredita no rádio-jornalismo. «É onde está o futuro. Já atualmente a notícia em rádio está sendo bem feita».

Para quem discorda, ele relembra uma boa programação na rádio em épocas passadas. «Com uma programação basicamente ao vivo, chegávamos a ter grandes destaques. Para cada faixa de horário tínhamos um programa montado e havia um respeito pelo ouvinte, um cuidado excessivo. Depois o mercado foi se fechando e, para vencer, muitos bons valores tiveram que entrar no espírito altamente competitivo do eixo Rio-São Paulo».

Vivia-se de decepções também. Viajando como bolsista para os Estados Unidos (em 1964), Ricardo tomou contato com uma estrutura adiantadíssima em comunicações «Coisa que hoje a Globo está fazendo como a aplicação da pesquisa, marketing». Voltou querendo aplicar aqui o que viu «mas chamavam tudo de sonho. E hoje esse processo científico é empregado pelas grandes empresas. Tudo isso torna aqueles tempos heróicos...»

Euclides já fez de tudo na frente de um microfone

Desde 1946 sua voz vem chegando a milhares de ouvintes. Muitos já derramaram lágrimas diante de comovedoras cenas de novela ou vibraram com os gols narrados com sua voz marcante e sonora. De cantor a narrador de novelas, o locutor Euclides Prado em seus 3 anos de profissão já exerceu todas as funções diante do microfone de uma rádio.

Sua carreira iniciou na Rádio Imembuí, de Santa Maria, onde permaneceu durante seis anos. Vindo para Porto Alegre, ingressou na Farrroupilha já com diversas funções. Havia testes para locutor esportivo, comercial, narrador de novelas e ele passou em todos. Mas como o ganho ainda era pouco, Euclides Prado começou a cantar também.

Saindo da Farrroupilha, depois de 12 anos, foi convidado para fazer narração esportiva na Gaúcha e, mais

tarde, entrou para a Guaíba para ler notícias e textos comerciais. Nesta mesma época ele entrou também para a Rádio da Universidade, e há cinco anos trabalha nestas duas emissoras.

O conhecido narrador de 2001 (na Guaíba) confessa que começou sua carreira imitando Jatobá mas em pouco tempo adquiriu seu próprio estilo:

— De todos os narradores que conheci ele era o que mais sabia usar as palavras, um dos requisitos mais importantes — junto com a voz e a interpretação — na narração. Quando comecei achavam a minha voz parecida com a dele.

AUDITÓRIOS

Hoje, trabalhando sempre dentro de uma cabine, ele tem que imaginar

o público que o ouve. Mas durante muitos anos a locução foi algo vivo que trazia uma satisfação imediata ao profissional. Era o auge dos programas de auditório:

— Todo mundo que participou deste período lembra com saudade. Havia uma comunicação direta com o público onde a gente podia sentir sua reação instantânea.

Prado lembra que um dos mais famosos foi a Rádio Sequência da Farrroupilha, onde ele fazia locução e cantava:

— Lançado em 1952 o programa durou até 59. Era feito com todo o cast da rádio e tinha humor, números musicais, crônicas, etc. E o sucesso era tanto que as pessoas faziam fila para entrar e muitas ficavam do lado de fora. O salário era pouco. A gente ia de manhã pra rádio e voltava só de noite. Mas compensava.

Alguns dos velhos profissionais aventuras daquilo que se convencionou chamava de amadorismo e o amor à camiseta valiam antigamente havia uma certa ingenuidade e valia tudo. Até mesmo as improvisações acabaram virando lenda. Como sempre, a presente, naqueles tempos em que eram e

Os tempos mudaram, veio a televisão mas foi difícil. Hoje em dia, eles são ligados a um deles, repetindo um velho chavão — o rádio de nossa era. Um técnico parece preferir ligações diretas da Embratel; um locutor lida com a novela; outro trabalha em publicidade, mais com sua voz de galã; Ivan Castro tentou a sorte no rádio, bem como Cândido Norberto. Eram um, a história daqueles que ajudaram a fa-



Ester Castro



Cândido Norberto



Euclides Prado, à esquerda, e Cesar de Alencar

PESSOAL DO RÁDIO?

Profissionais do rádio estão aqui, contando suas histórias e chamando de "os bons tempos" — onde valiam muito. Eles lembram como a liberdade na profissão, o rádio era novidade nas novelas radiofônicas, que sempre, a maioria prefere o passado ao presente em estrelas.

Com a televisão, alguns tentaram se adaptar, mas não ligados ao rádio — "é um vício", dizem — e tentar se adaptar às modernidades preferir os velhos aparelhos de SSB às modernas. O autor lembra seus tempos de galã de rádio, mas já fez muita mocinha suspirar por política; Ester Castro ainda está no ar. Em cada um, uma vida, em cada um a fazer o rádio de hoje.



Nos bons tempos do rádio, a comunicação com o público era direta.



Ivan Castro



Próximo, à direita, Enio Rockenback, Antônio Carlos Resende, Alencar e Elmar Hugo.

Ester ganhou onze troféus e era reconhecida na rua

Ester Castro entrou na Rádio Gaúcha em 1959. Veio do teatro, de dois anos na Companhia de Maria Della Costa, tendo estreado inicialmente na Gaúcha, tendo teatrinhos de Sérgio Jockymann.

Papéis de peso, violentos — que permitem uma maior interpretação — sempre foram os seus preferidos, mas sua extroversão fez com que ingressasse em seguida no humorismo. «Por que Carlos Nobre cismava com isso. Vivía me dizendo que eu deveria criar um personagem cômico. Após várias tentativas, noites em claro, consegui cultivar um novo tipo de voz e nasceu a Crioula Creuza, que deixou Nobre satisfeíssimo».

Na Rua do Vai-e-Vem (de Carlos Nobre), Pensão da Dona Cota e Campeonato em três Tempos foram os programas humorísticos que se tornaram mais populares e que, ao la-

do do rádio-teatro consistiam na programação quente da emissora. Valeiram a Ester o reconhecimento de «melhor comediantes». Ela era a nordestina «senhorita moça, virgem, que não admitia cantadas na «Rua do Vai-e-Vem»; a Odóscia, mulher de faca nas botas que brigava com a vizinha e tinha um marido, o Dondoca (Fortunato Ferreira), que nunca estava pronto para defendê-la por que tinha que fazer seu tricô; a dona Cota, dona da pensão, uma italiana que tinha como hóspedes os mais loucos e impossíveis em Pensão da Dona Cota.

RESPONSABILIDADE

«Eram dez horas diárias de microfone que se tinha que fazer. Começava às 8 da manhã — a primeira novela vinha às 9hs — encerrando com a última, às 22h., «Enquanto

o Sono não vem»: — A gente tinha que ser rápido e emendar o erro do colega. É um tipo de trabalho em que não se pode pensar apenas em si próprio. Claro que em casos como este e outros, a gente não podia deixar de dar gargalhadas. Então se descia ao pé do microfone.

Respirava-se rádio e isto era sentido por todos os corredores da emissora. Havia integração e amizade».

«O público também se tinha grande incentivo; a crítica promovia concursos, o povo votava nos que considerava melhores. Anualmente eram oferecidos troféus aos que se destacavam, entregues em grandes festas de auditório. Ganhei 11. Também se era reconhecida na rua. Mas o público é engraçado. Endeusa o ator, esquecendo que ele é humano, que o que tem a dar é só através do microfone...»

Dependendo de Cidico ele não se aposenta

Em janeiro de 1944, um electricista da Viação Férrea iniciava seu trabalho no rádio, sempre no setor mais ingrato: atrás das vedetes, bem atrás, garantindo o som e a clareza das transmissões. Alcides Krebs, o Cidico, com 32 anos de rádio, diz que os tempos mudaram: «o repórter pode operar sozinho a pequena aparelhagem que leva. Nada do tempo do SSB, que tornava o técnico indispensável».

Na Rádio Gaúcha desde 1958, Alcides Krebs é responsável pela Chefia da Equipe de Externas: os homens que acompanham os repórteres, narradores e comentaristas (de esporte, setor que ocupa o primeiro lugar na programação). Já em época de aposentadoria, ele não aceita nem discutir um afastamento e, se não esconde sua mágoa pelo evidente enfraquecimento da importância dos «técnicos de rádio», com o aperfeiçoamento da tecnologia, garante que «isso é um vício, não saberia fazer outra coisa».

— Olha, no rádio é a mesma coisa que em outras profissões. As dificuldades são as mesmas, as brincadeiras idem. Eu penso é na mudança, na valorização profissional. O que acontecerá com esse progresso todo. Hoje, a gente liga um telefone e a Embratel coloca tudo no ar. Pouco se faz. Nos Estados Unidos, na excursão da seleção, em maio, nós transmitimos durante 20 minutos usando só o telefone, numa partida, enquanto se restabelecia o circuito Rio-Porto Alegre. E foi de uma perfeição incrível».

Bem diferente, é claro, de 60, quando Alcides Krebs foi a Brasília para a posse de Jânio Quadros. Como as transmissões eram feitas — muito mal — via Radional (a Embratel da época), a Gualba levava o transmissor SSB, uma aparelhagem que ocupava o volume de uma Kombi, em quatro grandes caixotes.

Em março de 62, em Campos do Jordão, São Paulo, Alcides estava acompanhando os jogos preparatórios

da seleção brasileira que disputaria a Copa do Mundo, no Chile. Quem conta é Antonio Carlos Porto, comentarista da Gualba: «Para instalar o SSB, melhorando a transmissão, era necessário utilizar uma antena parabólica. E para isto, tínhamos que achar o melhor lugar. Bem, o Alcides estudou a região onde seria feita a transmissão e concluiu que o lugar ideal era dentro de um grande banhado. Como sempre faz, não desistiu pela dificuldade: tirou toda a roupa, ficou apenas de cuecas e gritando muito, entusiasmando o resto da equipe para ajudá-lo a montar os aparelhos dentro do banhado. Conseguimos. E para as pessoas que aprovadas olhavam o alemão grande de cuecas ele só dizia: «desculpem, mas estou trabalhando e tenho que montar isso aqui».

Com 58 anos, Cidico diz que «o bom mesmo ainda é a Rádio Gaúcha: eu tentei me afastar uma época, e fiquei três meses parado. Não sabia mais o que fazer: se depender de mim, não me aposento».

Hoje em dia só se pensa no IBOPE, garante Ivan Castro

«Tem gente que ainda não compreendeu a força do rádio. Se a gente tocar todos os dias, por dez anos, o «Tico-tico no Fubá», dizendo que é o Hino Nacional, o povo acaba acreditando que é o Hino Nacional.

Ivan Castro, quarenta e um anos de rádio. Aluno do antigo Colégio 13 de Maio, foi levado por uma professora, amiga de Nilo Ruschel, para um teste na Gaúcha. Entrou como cantor. Em 1942, era eleito «Príncipe do Rádio».

De cantor, passou a animador de programas. No Rádio, primeiro, e na televisão, quando esta recém se afirmava aqui no Sul. Houve também uma breve incursão pela política, motivada «pela minha grande popularidade»: em 1970, foi vereador em Porto Alegre.

— Fazer rádio naquele tempo, era profissionalmente mais fácil. Havia menos gente, não existia esta luta por IBOPE e cada um fazia o que achava melhor, dando ao público o que tinha de melhor, afirma ele.

Depois, seguindo Ivan, o rádio começou a mudar. Surgiu outro tipo de artista, mas os ouvintes também e-

ram outros. Na Farroupilha foram introduzidas as grandes orquestras, músicas de câmara, óperas. Duas vezes por semana, música popular cujos intérpretes máximos eram Ivan Castro e Estela Norma.

Também na Farroupilha, Pery Borges e Estelita Bell faziam sucesso com as radionovelas — uma história completa por semana. «Até o diretor presidente, Arnaldo Balvé era rádio-ator, sob o pseudônimo de Carlos Maia».

— As radionovelas não eram tão massificantes como as telenovelas de hoje, porque davam margem à imaginação do público. Os recursos de que os contra-regras se valiam eram incríveis. O ruído de patas de cavalo, por exemplo, era representado por duas tampas de açucareiro batendo na tampa do piano. Muitos ruídos vinham gravados em disco.

— Com isso, aconteciam casos muito engraçados: certa vez, o Walter Ferreira fazia o papel de um homem que chegava em seu apartamento e surpreendia a mulher com «outros». Desesperado, gritou ao microfone: «Agora te mato desgraçada!» Mas o contra-regra errou a faixa do

disco — ao invés do ruído de uma bala disparando, entrou um mugido. Para consertar, o Walter acrescentou: «E não adianta se esconder atrás de uma vaca».

Apesar de fatos como este, toda a programação era feita com muita seriedade. Tanto que, na época, o arcebispo D. João Becker e o interventor Cordeiro de Farias iam diariamente até a emissora: «Depois da Hora do Angelus, no fim da tarde, tomavam champanhe. Isso era sagrado».

— Hoje tiraram toda a seriedade do rádio. A finalidade desse veículo é levar alguma coisa ao povo, mas hoje não se leva nada. A programação reflete a preocupação do dono da emissora com o IBOPE. Dá-se ao povo o que ele quer, pois se sabe que a TV Cultura, de São Paulo, por exemplo, que tem a melhor emissão, não consegue mais que 0,2 por cento de audiência.

— Por que continuo no rádio? Porque trabalhar em rádio e televisão é pior do que cachaça, principalmente quando se tem esperança de mudar alguma coisa.

O transistor mudou a narração esportiva

As narrações esportivas se dividem em antes e depois do transistor. E a razão é muito simples, explica Antônio Mafuz, ex-locutor de futebol, atualmente diretor da MPM Propaganda: «O transistor passou a ser o fiscal das transmissões. Antigamente, o locutor inventava, enfeitava. Quem estava no campo, não tinha rádio. Quem estava ouvindo o rádio — ligado numa tomada ou mesmo na bateria do carro — não podia ver a partida».

Famoso no final da década de 40, início da de 50, Mafuz conta como preenchia, por exemplo, o espaço em que um jogador de futebol arrancava de seu campo com a bola presa e ia até a intermediária adversária:

— Era muito fácil. A gente transmitia com rapidez e inventava dois ou três passes mas éramos fiéis neste aspecto. O primeiro passe partia do jogador que estava com a bola e depois ele mesmo terminava o lance. Agora esses radinhos parecem uma neurose. Quem vai a campo tem que ter um radinho no ouvido.

Cândido Norberto também foi um dos locutores esportivos mais famosos da década de 40, «mas por um simples acaso», como garante:

— Naquele tempo havia o narrador comercial e o narrador propriamente dito. Certa vez faltou um narrador do jogo e eu fiz a jornada improvisadamente. O pessoal da Brasma gostou, pediu que eu ficasse e foi isso aí.

Formando dupla com Guilherme Sibemberg, Cândido Norberto muitas vezes transmitiu partidas em diagonal, um sistema que já não se usa mais há muitos anos. O processo era mais ou menos o seguinte: a rádio tinha dois locutores famosos e em partidas importantes colocava-os em diagonal, de uma maneira semelhante como se colocam os bandeirinhas em campo. Cada um transmitia na sua metade. «A vantagem era o detalhe, cada locutor estava mais perto da jogada que transmitia», afirma Cândido.

SEM RETORNO

A Rádio Gaúcha chegou a tentar um processo parecido no ano passado, com Haroldo de Sousa e Luís Carlos Prates, em um ou dois Gre-Nais. O resultado não foi bom, principalmente porque ambos estavam dentro da mesma cabine, mas como têm estilos completamente diferentes, alternavam a transmissão nas vezes em que a bola saía pela lateral.

Mafuz lembra outros detalhes típicos daquela época: «O repórter de campo trabalhava ao alcance da vista do locutor pois não existia retorno e suas entradas eram feitas através de sinais». Cândido Norberto pensa um pouco, ri e conta outro detalhe comum naquela época: «Como não transmitíamos com retorno, era comum se viajar, transmitir uma partida inteira e, ao descer do avião, na volta, ficar sabendo que nenhuma palavra havia ido ao ar por problema de linhas». O transistor surgiu no final da década de 50, praticamente junto com o primeiro campeonato mundial ganho pe-

lo Brasil, na Suécia. Foi a época célebre da narração rápida, limpa e fiel de Mendes Ribeiro e Pedro Pereira.

Atualmente a inovação, os enfeites comunicativos são a última moda e as expressões marcantes de cada locutor. Neste aspecto, Haroldo de Sousa (narrador) e Lauro Quadros (comentarista) se destacam no Rio Grande do Sul. A intenção é falar uma linguagem mais parecida com a do «povão do Brasil», como diz Haroldo.

«BOLA PRO MATO»

Além de tudo, o torcedor que vai ao estádio assistir futebol, que conhece os jogadores de seu time e não tem interesse em saber o nome de cada adversário, gosta de ouvir expressões do tipo «chuta a bola pro matto que isso é jogo de campeonato», quando um zagueiro do seu time chuta de qualquer forma, evitando uma situação perigosa.

O próprio Lauro Quadros

não esconde sua surpresa com as constantes reclamações de ouvintes quando ele faz dois ou três comentários consecutivos sem dizer ao final que «é tudo isso e mais meio quilo de farofa» ou que está «tudo direitinho, abotoadinho, dentro do vidrinho».

E o processo é muito simples. O radialista faz, o público gosta, ouve e prestigia. O patrocinador se entusiasma e a emissora pode pagar melhor esses locutores que se destacam. Esse é o motivo fundamental que leva o público esportivo do Rio Grande do Sul a sonhar com uma jornada, numa mesma rádio, de Haroldo e Lauro juntos.

Essa dupla tem condições de absorver 90 por cento da sintonia em dias de futebol, os patrões sabem disso, mas dificilmente os dois trabalharão juntos: A Rádio Gaúcha está tentando buscar Lauro Quadros há muito tempo, mas a Guaíba, apesar de não tentar a contratação de Haroldo por causa da política interna, não libera o seu comentarista de maneira nenhuma.

Rádio se aprende na escola?

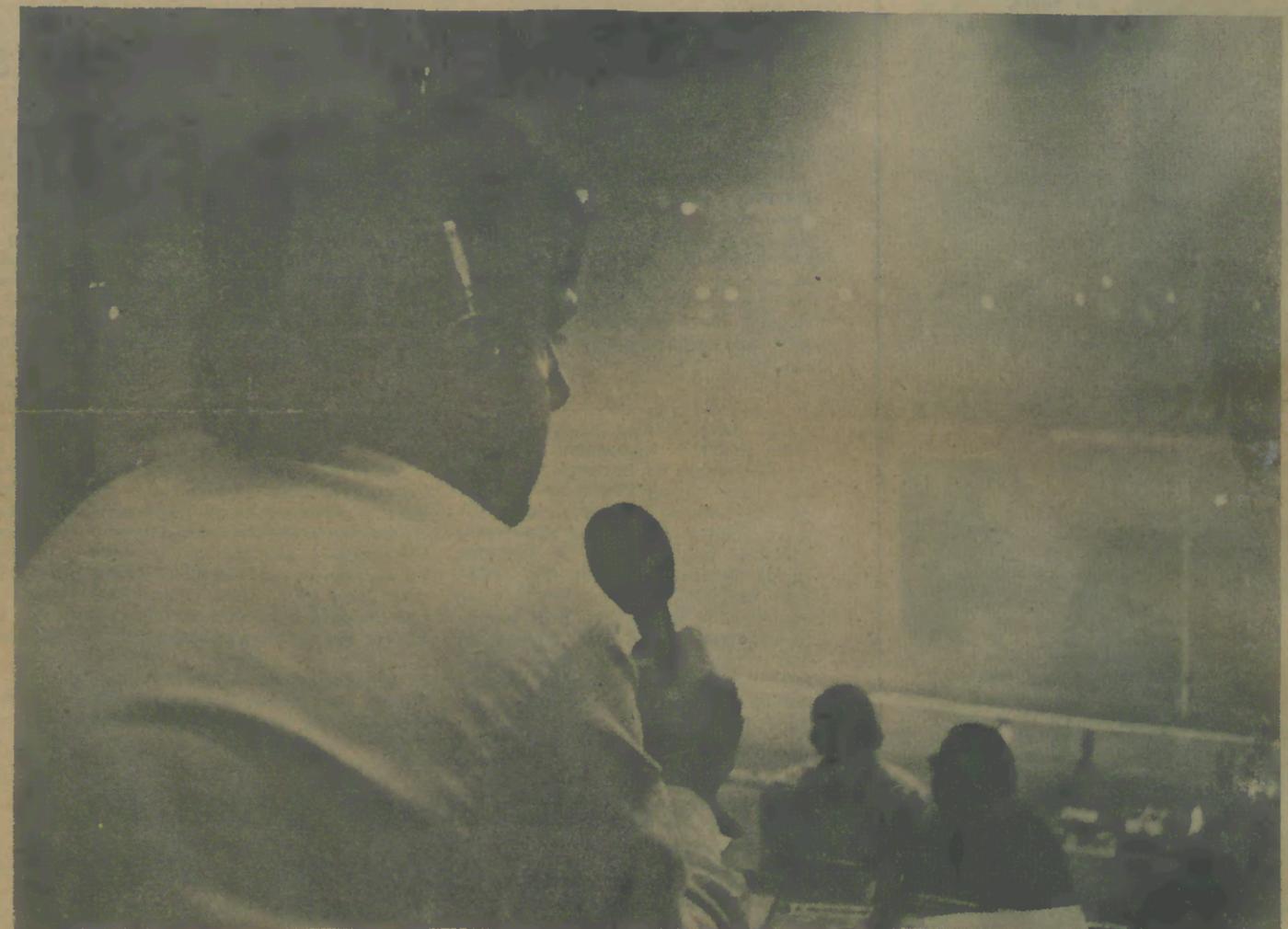
«O ensino do rádio nos cursos de Comunicação Social apresenta deficiências que não podem ser negadas, mas as causas desta situação não devem ser consideradas peculiares: identificam-se com as falhas apontadas para outras disciplinas, quer dos próprios cursos de Comunicação, quer de outras unidades universitárias».

A declaração é do professor Carlos Alberto Carvalho, responsável pela disciplina de Técnica de Rádio na UFRGS. Ligado ao rádio desde 1955, formado em Comunicação Social (1958) e Licenciado em Ciências Sociais (1967) ambos pela UFRGS, nestes seus 21 anos de atividade profissional vem desempenhando diversas funções no rádio gaúcho, com passagens por diversas emissoras, já tendo conquistado oito prêmios na categoria «rádio», em concursos de reportagens realizados no Rio Grande do Sul.

Com base nesta experiência, Carlos Alberto afirma que «muitos alunos que entram nos cursos de Comunicação ainda não definiram sua área de atuação futura». Outros estudantes, já tendo ingressado no curso por estarem trabalhando em jornal, procuram aprimorar seus conhecimentos, apenas na área deste veículo. Cursam as outras disciplinas técnicas sem motivação maior, realizando os trabalhos exigidos, simplesmente para alcançar os créditos necessários à conclusão do curso. Isto é um erro, pois as grandes empresas de comunicação, atualmente, procuram estabelecer complexos integrados por jornais, rádio e TV. No futuro, boas oportunidades poderão surgir, em veículos diferentes de uma mesma empresa. Então, o profissional não estará preparado para atuar em áreas que anteriormente desprezava.

EXPERIÊNCIA NA ÁREA

Outro aspecto a destacar: quando uma nova turma inicia o estudo de Técnica de Rádio, é comum a realização de um levantamento para saber quais os alunos que já têm alguma experiência na área. Quase sempre não chega a 10 por cento a Parcela dos estudantes que trabalham, ou já trabalharam em rádio. Muitos não têm, nem ao menos, uma noção do que seja uma emissora de rádio, nos seus bastidores. Em consequência, é preciso abordar tópicos elementares que permitem a tais alunos a-



Cada locutor tem seu estilo .

E cada um procura ser mais popular.

companhar o restante do curso.

Carlos Alberto não nega que o curso tenha falhas e aponta, inclusive, algumas na área de Rádio: a falta de estúdios, nas dependências do próprio curso, funcionando como laboratórios, dificuldade (mas não impede) a realização de trabalhos práticos. Na PUC, o problema foi resolvido este ano, quando começou a funcionar um estúdio de gravações para programas de rádio. Na UFRGS, os alunos realizam montagens e gravações de programas nos estúdios da Rádio do Centro de Televisão Educativa da própria Universidade. É claro que as facilidades não são as mesmas, pois o estúdio é distante da Faculdade e os horários de gravações e montagens precisam ser acertados com antecedência para não prejudicar o funcionamento normal da emissora. Mas todos os pro-

gramas realizados pelos alunos são levados ao ar, após preparados, analisados e corrigidos em aula. Isso acontece desde 1969.

Dos programas da disciplina de Técnica de Rádio constam, ainda, entre outros itens, a preparação, seleção, montagem e gravação de noticiários, entrevistas e reportagens. Todavia, «o número de aulas práticas necessita ser aumentado», segundo o professor. Na UFRGS, a disciplina de Rádio está dividida em três semestres, o que obriga a redução dos conteúdos. «Mas já foi solicitada a inclusão de mais um semestre. Também foi pedida e está vigorando a partir de agosto de 76, a divisão de turmas. Era impossível dar aulas práticas para turmas com cerca de 50 alunos. Os contatos com os alunos (4 horas semanais) são insuficientes. Na PUC, a disciplina já funciona

em quatro semestres, mas o número de horas-aula deve ser ampliado», explica Carlos Alberto.

TURMAS GRANDES

Outro aspecto que precisa ser melhorado: o material técnico à disposição da disciplina. «Precisamos de mais gravadores portáteis para possibilitar a dinamização da prática de reportagens. Atualmente, muitos grupos precisam ficar aguardando o término dos trabalhos realizados por colegas. Como as turmas são grandes, as tarefas se desenvolvem com muita lentidão. Todavia, contando com todo o apoio da direção do Curso e da Reitoria, providências já foram tomadas, para que tais problemas sejam solucionados dentro em breve», disse o professor de Técnica de Rádio.

Ainda falando sobre as pos-

sibilidades de melhoria do aprendizado, o professor Carlos Alberto disse que «está sendo estudada a realização de estágios remunerados em emissoras da Capital. Inclusive já foram mantidos contatos neste sentido. Tais estágios serão supervisionados diretamente pela Faculdade, cabendo ao professor a orientação do estagiário para que compare os conhecimentos recebidos com certos erros cometidos por algumas pessoas que executam tarefas empiricamente. Concluído este esquema, o aluno não se sentirá, como agora, com certas dificuldades para exercer uma profissão para a qual teve uma preparação universitária. Desta maneira será conseguida uma elevação do nível das programações, desejo não só de todos os estudantes de Comunicação Social, mas também das próprias direções de emissoras de rádio».

A NOTÍCIA, AGORA COM NOVA CONCEPÇÃO

O departamento de notícias de uma rádio, hoje em dia, já funciona dentro de uma concepção jornalística que foi se formando gradativamente nos últimos 25 anos. Os elementos que dirigem ou trabalham atualmente no setor, são na sua maioria jornalistas profissionais, que cooperaram para uma mudança de mentalidade significativa e conseqüente modificação na forma de tratar a notícia. E, o jornalista João Avelline, que trabalhou entre os anos 55 e 62 como chefe do departamento de notícias das Rádios Gaúcha e Itai, tem muita coisa para contar sobre as transformações que ocorreram no setor nos últimos tempos.

Há 25 anos existiam em Porto Alegre apenas três emissoras de rádio que possuíam um departamento de notícias: a Gaúcha, a Difusora e a Farroupilha. Naquela época não havia uma exigência maior na que se refere à condição de jornalista profissional para a função de redator. Geralmente, segundo Avelline, o mesmo locutor que levava a notícia ao ar era quem redigia a notícia, recebendo um pequeno cachê pela função extra. As notícias locais incluídas no noticiário da rádio eram colhidas, por sua vez, através de uma respiga dos matutinos locais, embora em tempos anteriores os locutores costumassem até ler o próprio jornal no ar. Desta maneira, saíam, de vez em quando, coisas como esta:

— Senhoras e senhores, conforme disse fulano de tal, que se vê no clichê acima...

As notícias estrangeiras lidas pelo locutor tinham como fontes as Rádios Nacional, do Rio, e a Tupi, de São Paulo. Todo mundo copiava todo mundo, conta Avelline: "As emissoras locais chegavam a copiar um a respiga do outro". E, assim dificilmente podiam evitar que ocorressem certos enganos como este: "Atenção emissoras do Leme, vai faltar água de tal a tal hora". Uma notícia que nada tinha a ver com a capital, muito menos com o Estado. E estas coisas aconteciam por que tudo dependia muito da mentalidade do indivíduo que fazia o traba-

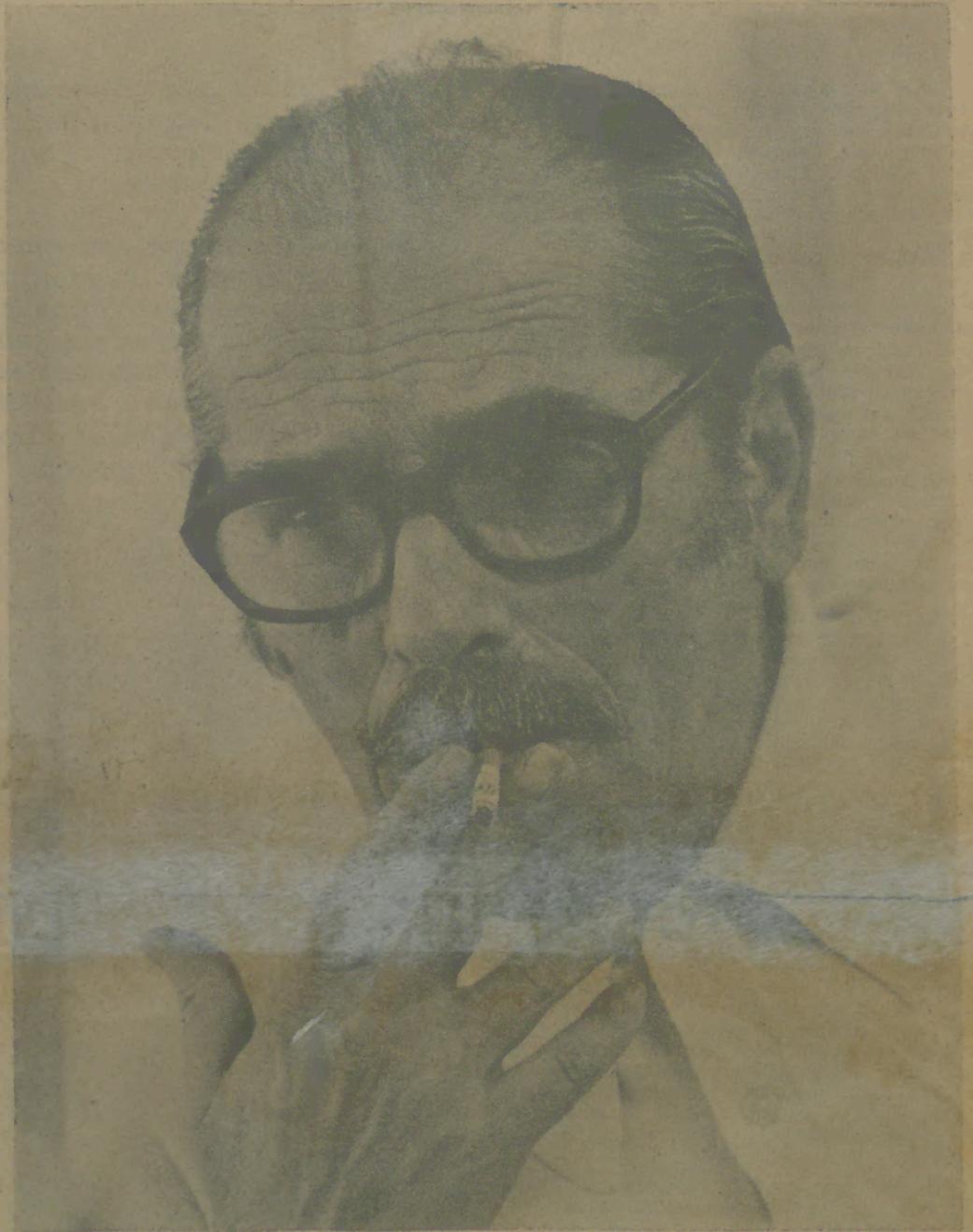
lho", explicou o jornalista. A não ser que, num certo momento, o chefe de departamento, um dos locutores ou gente da cozinha da rádio criasse uma escola.

PROFISSIONAIS

Contratar jornalistas profissionais para trabalhar no setor de notícias não parecia, na época, ser uma coisa muito interessante. Era uma forma do noticiário sair mais barato para as rádios, pois empregavam um locutor por Cr\$ 3.100,00, dos antigos, e ele fazia também a redação da notícia por um pequeno cachê extra. E assim um noticiário só podia mesmo ser lido pelo próprio locutor que redigia as notícias: "As notícias eram escritas sem vírgulas, sem ponto, sem nada. Bem a sua moda. Assim somente ele sabia a entonação certa para o texto", lembrou Avelline.

As coisas, no entanto, não continuaram assim por muito tempo, pois logo começaram a entrar jornalistas profissionais para trabalhar em rádio, ascendo à função de chefe. "Iniciouse um processo de depuração natural com as exigências destes profissionais de colocar outros jornalistas para trabalhar no setor". Ao mesmo tempo, havia também uma certa resistência dos diretores artísticos no sentido de empregar profissionais, pois nem todos sabiam falar no microfone: "E quem falava era o tal, levando sempre uma certa vantagem sobre aquele que não falava, mesmo que fosse jornalista".

No final de um certo tempo esta fase foi vencida. E, segundo Avelline, começaram a surgir em 57-58, em Porto Alegre, bons departamentos de notícias, como os da Gaúcha e Difusora. Um trabalho que foi reforçado pelo nascimento da Guaíba, que surgia com uma característica definida: nasceu dentro de uma empresa jornalística, tendo portanto uma concepção jornalística de notícia. Mais adiante, outra inovação veio aperfeiçoar o trabalho do departamento de notícias, incrementando o setor: o rádio-reporter.



REPÓRTER

Esta nova função dentro do rádio surgiu, segundo Avelline, "pela necessidade de se ter uma notícia que não fosse copiada, mas colhida na fonte". O repórter saía para a rua e telefonava passando a notícia que encontrava, predominando, assim, o repórter de setor, que andava pelas secretarias e órgãos públicos. Trata-se de uma figura que se caracteriza pela função jornalística e pelo improviso. Embora não tendo voz de locutor, ele deve saber dar a notícia ao vivo. "E dentro de pouco tempo todas as emissoras já possuíam rádio-reporteres, menos a Guaíba, que se manteve numa postura tradicional, não interrompendo o noticiário para dar notícias ao vivo".

— Um dos primeiros a trabalhar nesta função foi o Dilamar Machado,

que apareceu na Gaúcha para trabalhar no departamento. Nestas alturas se lançou o rádio-reporter, que saía junto com o operador, diariamente, obedecendo um certo ritual.

O equipamento do operador, segundo conta Avelline, mais parecia uma "mala de tijolo". Para fazer uma gravação era preciso sempre arrastar o entrevistado até uma sala onde tivesse ao menos uma tomada. Depois os dois — rádio-reporter e operador — corriam para a Rádio, para colocar o depoimento no ar. E, somente com o aparecimento da gravadora Gelozzo é que este trabalho foi simplificado, pois o operador foi dispensado e o repórter passou a ter mais mobilidade. Também começaram a ser feitas nos departamentos de notícias as primeiras reportagens, pois já era possível montar

programas cortando as gravações.

MUDANÇAS

Hoje, porém, as coisas mudaram muito: já é possível informar sobre o que acontece no exterior, assim como dar notícias locais, oferecendo um panorama geral mais fiel. Embora ainda existam, segundo Avelline, certos vícios em relação ao rádio-reporter e noticiarista: "Há uma tendência à acomodação, aproveitando o indivíduo em duas funções na mesma emissora, principalmente nas rádios menores".

— Existem emissoras que usam o rádio-reporter que fala direitinho e tem improvisação, mas não é antenado na notícia. A experiência tem provado que jornalistas que se dedicam à comunicação sabem falar e têm senso de medida.

CASCALHO / LAÉRCIO

A Procura de Dinheiro

«Alô magrinagem, seis da tarde, aqui Continental, **Cascalho Time** no ar. Production by Antônio Carlos Contursi, o Cascalho, o cara do Baile dos Magrinhos. **Cascalho Time** começa hoje com Carol Williams, **More**. Com pequenas modificações, Contursi há seis anos inicia da mesma maneira seu programa das 18h, que o projetou no Rio Grande do Sul como o principal **disk-jockey** da juventude classe média gaúcha.

Atualmente trabalhando apenas na Continental, Antônio Carlos Contursi já fez um programa na televisão e uma coluna de música na revista **Pop**. Formado em Jornalismo pela PUC, em 75, começou no rádio, em 69, como repórter de futebol da Rádio Gaúcha. Mas ficou pouco tempo lá: «Tive que sair», explicou ele.

O programa **Cascalho Time** apresenta, principalmente, músicas estrangeiras e, por isto, muitos o acusam de alienante. Contursi começou na Continental, em 70, copiando o programa **Big-Boy** da Rádio Mundial. Na época, só tocava música estrangeira, e de preferência desconhecida.

— É que eu era muito gurizão. Agora estou mais maduro. E também a música brasileira era muito ruim, os caras bons estavam fora do país. Agora eu toco mais música brasileira, ela está melhor. Eu quero abrir a faixa de mercado, quero falar **prá** mais gente, por isto toco música brasileira. Mas uns 80% do programa continua com música de fora. Quero aumentar o público sem perder o que já tenho.

Ele tem medo de perder um público cultivado durante seis anos, que reconhece ser «muito restrito». Quanto ao Baile dos Magrinhos, Contursi é bem claro ao mencionar os motivos que o levaram a promovê-lo:

— O objetivo deste baile foi ganhar dinheiro. Ganhar dinheiro e entrar em contato mais direto com o público. Eu quero conhecer este pessoal que me **curte**, saber quem são. Outra vantagem destes bailes é que aumentam a audiência na rádio. Tem gente que ouve a Itai o dia inteiro, mas às 6h da tarde muda para o meu programa. São pessoas que me conheceram no baile.

A Continental não usa os dados do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), não realiza nenhuma pesquisa particular e, em consequência disto, Contursi diz que não sabe exatamente quem e quantos são os que ouvem o seu programa. Para alcançar uma boa audiência, ele inventa algumas fórmulas originais: combina com alguma loja de discos e promove um concurso. Quem acertar, ganha um disco.

— Eu digo para os diretores que tem que existir uma pesquisa. Eu faço as minhas de vez em quando, mas não é sempre. Acho também que está na hora de mudar, mas não sou o diretor da rádio.

Aliás, dirigir uma rádio é seu objetivo. Definir uma orientação, fazer a programação musical e montar uma rádio «com **time**» (com programação variada, quase sinônimo de ritmo) é um dos seus objetivos:

— Acho que uma rádio ideal seria como a Gaúcha. Só que com uma linguagem mais moderna. As notícias, principalmente, têm uma linguagem muito quadrada. Acho que devia ser com a antiga linguagem da Continental, que agora está um pouco mais quadrada. E os programas de notícias, de apenas três minutos que, em vez de serem de uma em uma hora, seriam de 20 em 20 minutos.

Esta maneira de pensar está levando Contursi a enfrentar alguns problemas de consciência: «Eu penso muito no meu programa, acho que não tá legal, acho que tenho que partir **prá** outra, e já estou partindo». No entanto a música brasileira continua em plano muito inferior em **Cascalho Time**, embora ele afirme que gosta muito da música nacional. E, se o recriminam por isto, Contursi defende-se dizendo que «tudo é uma máquina»:

— Eu também sou uma máquina, então não posso ficar de ponta com a rede. Eu sou um **rabiço** sem importância.



O Chacrinha dos Pampas

«Alô dona Aurora, a Caigara não enrola. Mais uma música do programa **A Música Que Você Pediu**: quem manda carta recebe parabéns, quem não mandou receberá um pára-choque». Das 11 às 14 horas, na rádio Caigara, Laércio Borges apresenta o programa **A Música Que Você Pediu**, um de seus três programas diários nesta emissora.

Laércio é mais conhecido no centro do país pelo seu nome artístico, Borges de Alencar. Começou a trabalhar na rádio Atlântica de Santos, há 16 anos. Na época, foi **disk-jockey** e apresentador de programa esportivo. Hoje, com 32 anos, Laércio já trabalhou em 50 emissoras e em 16 estados do Brasil. No fim do ano passado, ele resolveu transferir-se para o Rio Grande, a conselho de amigos: «Os caras me diziam: Borges você tem que ir lá pro sul, vai fazer muito sucesso». Outros informaram que o Rio Grande do Sul está valorizando muito o rádio. Ele veio e diz que é verdade, que aqui ganha bem, embora trabalhe muito. Pega um papel e escreve sua atividade diária na rádio Caigara: 24 horas por dia. Músicas — hora certa — comerciais — cinema — notícias.

Em outubro foi aceito pela Caigara e no mês seguinte a rádio subiu para o terceiro lugar no Ibope, hoje está em segundo, ficando apenas atrás da Itai. Por um bom salário, estão bom que só saio se me botarem **prá** rua», ele modificou a programação toda da rádio. A primeira mudança foi a criação do programa **A Música Que Você Pediu**:

— Neste programa eu crio um mundo. São 50 intervalos diferentes, e eu tenho que dizer coisas diferentes para não cansar o ouvinte. Eu até gostaria que tu colocasses aí que eu quero ser o «Chacrinha dos Pampas».

As 18 horas, ele apresenta a **parada musical**, «com as músicas mais solicitadas», mas o programa preferido é **Caigara Confidencial**, um programa de coração para coração. «Ali elevo meu ego, me comunico com as pessoas, as vezes me emociono com as poesias que escrevo. Ali, procuro imitar o Hélio Ribeiro», um radialista de São Paulo que está processando Chico Anísio por causa do personagem Roberval Taylor, que diz ser «um deboche a minha pessoa».

Em todos os programas, há sempre um grande cuidado na escolha das músicas: poucas estrangeiras, raramente Chico, Ellis, Castano, Milton e outros. «Nossa rádio é para as classes C, D e E. E estes cantores são para as A e B. Não podemos tocá-los, porque o público troca de rádio. E nós não podemos perder público; afinal, graças a ele podemos cobrar Cr\$ 100,00 por texto a ser lido. É um dos textos mais caros de Porto Alegre».

Apesar de tudo, este não é o tipo de rádio que ele gosta de fazer:

— Eu gosto é do rádio padrão, O rádio classe A. Como a Eldorado de São Paulo, que aqui em Porto Alegre seria a Guaíba, embora ainda tenha alguns defeitos. Eu adoro o **vozeirão**. Não, não me sinto frustrado por não estar fazendo isto. Sinto-me realizado como apresentador.

Mas pretende mudar. Nos noticiários, diz que começará a «dar mais notícias daqui, e falar também de outros assuntos, além das notícias policiais, as preferidas do povão». Para ele, «o rádio deveria ser muito mais completo. Um programa de música sertaneja de manhã, dando informações ao agricultor sobre como plantar, como usar os defensivos agrícolas. Um programa para a família, de orientação familiar.

Ele é do tempo de um outro rádio, «um rádio mais livre, que dizia as coisas sem medo mas este rádio não existe mais. Hoje, tudo tem que passar pela Censura. Não considero minhas as poesias que escrevo: no momento que vão para a Censura, elas não são mais minhas». Apesar de tudo, considera a Censura válida:

— Certas rádios comprometem uma cidade. Uma vez, numa cidadezinha, um locutor disse uma bobagem e um visitante falou mal do lugar. Por isto é bom a Censura, evitando que uma cidade seja mal vista por causa da rádio. Eu fiz um tipo de rádio em Cambará que foi muito elogiado: até o pessoal da cidade gostava mais de morar lá por causa da rádio.



Cascalho



Laércio Borges